

MALEBRANCHE

Nicolas Malebranche nasceu no ano de 1638 e foi padre da Congregação do Oratório – *esta Congregação foi fundada pelo amigo de Descartes, cardeal Berulle, com o objectivo de divulgar a composição científica da doutrina da Igreja* –. Faleceu no ano de 1715, contando-se que depois da visita de Berkeley que o terá irritado – *nessa altura Malebranche encontrava-se bastante doente*.

Terá sido quase um místico.

Obras:

Da Investigação da Verdade – Manifesta-se por uma filosofia religiosa, com uma marcante influência de Santo Agostinho, no que ao misticismo respeita.

O método de Malebranche é influenciado por Descartes. Nele propõe uma nova teoria do conhecimento, um misticismo filosófico, que é uma visão em Deus, das verdades eternas.

Conversas Cristãs nas quais se Justifica a Verdade da Religião e da Moral de Jesus Cristo – Obra onde expõe com clareza os princípios do seu sistema filosófico, visando justificar a verdade da religião e da moral cristã. É composta por dez “diálogos”. Neles, demonstra a existência de Deus, que a nossa vontade existe apenas para o amar, analisa a questão atinente à união da alma e do corpo, a Trindade, e termina afirmando a verdade da moral cristã.

Tratado da Natureza e da Graça – Tratado que se debruça sobre as relações estabelecidas entre Cristo e a Criação, e a liberdade humana e a graça que Deus lhe outorga.

Meditações Cristãs e Metafísicas – O filósofo, por intermédio da meditação, ascende ao Verbo divino, na sua interioridade.

São vinte meditações cuja leitura não deve ser dispensada.

Tratado da Moral – Obra onde expõe a sua moral, e onde insiste na importância do amor a Deus, que decorre do mandamento “Amai o Senhor, nosso Mestre”.

Tratado do Amor a Deus – Escrito como resposta ao teólogo François Lamy. Malebranche defende que mais do que o abandono a Deus, num puro quietismo, o homem, preocupando-se com a sua salvação, deve exercitar, quer a oração quer a meditação.

Conversas sobre a Metafísica e sobre a Religião – Podem considerar-se estas conversas como a exposição mais completa da sua filosofia, onde, diga-se em síntese, que pretende demonstrar a verdade da religião cristã.

A razão é para o filósofo, infalível, imutável e incorruptível. No seu entender, não é apenas apanágio de homens, mas também de Deus, que a segue.

A sua metafísica é a síntese da doutrina de Descartes e de Santo Agostinho.

A fé é quem conduz a inteligência no árduo caminho a percorrer na direcção da felicidade. Mas, a inteligência é preferível à fé, porquanto esta há-de passar e aquela subsistirá para sempre; por outro lado, onde houver fé sem inteligência, não existirá certamente descoberta da verdade.

Em sede de teologia, os dogmas são as suas experiências, que postos em dúvida, apenas subsistem quando estão em conformidade com a razão. Os dogmas da fé e os princípios da razão devem estar de acordo, seja qual for o grau de oposição com que se apresentem ao espírito do homem.

Deus é Aquele que é, o Ser em si mesmo.

Deus tem em si a ideia de infinitude e é o modelo de mundos infinitos. Da infinitude e da perfeição resulta a sua existência. A proposição de que “há um Deus”, tem o mesmo valor, a mesma certeza, o mesmo espírito de verdade, do que o “penso, logo existo” de Descartes.

É pela fé que acreditamos ser Deus o criador do mundo. E criou o mundo mais perfeito que poderia ter criado, contrariando deste modo, a opinião de S. Tomás de que Deus poderia ter criado um mundo mais perfeito.

A alma na sua visão de Deus, encontra as causas de tudo o que existe. Ele tem em si a ideia de tudo o que criou. Por outro lado, está presente na alma, revelando caso assim o entenda, o que nele existe, sendo o guia da razão humana.

Estudo temático. Para um maior desenvolvimento e conhecimento de outros filósofos sobre os temas versados, ver neste site, www.homeoesp.org » Livros online » *Deus, Alma e Morte na História do Pensamento Ocidental*.

JOSÉ MARIA ALVES
WWW.HOMEOESP.ORG